



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – UEaD
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA A DISTÂNCIA**



Francileide Gomes de Freitas

**A DRAMATIZAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA O
LETRAMENTO LITERÁRIO**

MAMANGUAPE, PB

2021

Francileide Gomes de Freitas

**A DRAMATIZAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA O
LETRAMENTO LITERÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras, UFPB –
UEaD, como requisito parcial para a obtenção
do título de Graduado em Letras – Inglês.

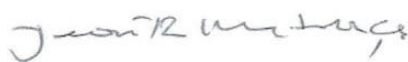
MAMANGUAPE, PB

2021

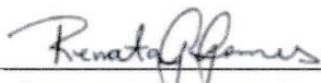
Francileide Gomes de Freitas

**A DRAMATIZAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA O
LETRAMENTO LITERÁRIO**

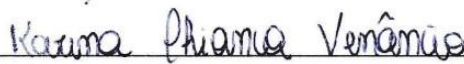
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras — Inglês, defendido e aprovado com nota 9,0 (nove) pela banca examinadora constituída pelos professores:



Prof. Dr. Jeová Rocha de Mendonça – UFPB
Orientador



Profa. Dra. Renata Gonçalves Gomes – UFPB
Membro da Banca Examinadora



Profa. Dra. Karina Chianca Venâncio – UFPB
Membro da Banca Examinadora

Mamanguape/PB
Junho de 2021

A DRAMATIZAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

RESUMO: O presente artigo pretende rever questões relacionadas à leitura e suas problemáticas no Ensino Básico no Brasil, propondo soluções criativas advindas dos estudos de letramento literário. A dramatização do conto “Um par de meias de seda” (1897), da escritora estadunidense Kate Chopin, apresenta-se como uma oportunidade para uma reflexão dinâmica e mais aprofundada da posição da mulher na sociedade.

Palavras-chave: literatura; letramento; dramatização; Kate Chopin

ABSTRACT: The present paper intends to review issues related to reading and its problems in the Basic Teaching in Brazil, recommending creative solutions proposed by literary literacy studies. The dramatization of the short story “A Pair of Silk Stockings” (1897), by the American writer Kate Chopin, presents itself as an opportunity for a dynamic and deeper reflection of the position of women in society.

Keywords: literature; literacy; dramatization; Kate Chopin

Introdução

A literatura de ficção tem um papel de extrema importância para o ensino tanto da língua estrangeira, quanto da língua portuguesa; assim como contribui, indiretamente, para o aprimoramento em outras áreas do conhecimento humano. Ela é responsável por estimular a criatividade, a imaginação e por auxiliar na construção de diversos conhecimentos, através das leituras de livros clássicos de textos literários, ou mesmo de peças, filmes e séries que são adaptados a partir da literatura. Desta forma, os alunos acumulam e acrescentam conhecimento à sua bagagem cultural com descobertas e conhecimentos absorvidos na grande viagem que a leitura proporciona (cf. Carvalho, 2015).

Para auxiliar neste mundo de descobertas e conhecimentos acima referido, o presente artigo tem por objetivo apresentar a dramatização como uma ferramenta para o fomento do letramento literário em sala de aula. Nesse sentido, apresentaremos o conto “Um par de meias de seda” (1897), de Kate Chopin, como um exemplo de como o texto literário poderá ser explorado dinamicamente, incentivando o gosto pela leitura e, principalmente, sua leitura e apreciação crítica. Nosso objetivo específico é adaptar o conto para apresentação “teatral” em sala de aula com alunos do terceiro ano do ensino

médio, visando, nesta ação criativa, alcançar a profundidade de análise crítica que esta narrativa propõe.

Escolhemos o conto de Kate Chopin para que os alunos possam compreender como a sociedade patriarcal tem insistentemente estabelecido regras específicas para cada sexo, onde o homem sempre tem seu papel elevado e significativo, quando a mulher ainda traz um papel secundário e depreciado na maioria das vezes.

Este artigo apoia-se numa pesquisa bibliográfica, atrelada teoricamente às questões da leitura e do letramento. Entre outros críticos e teóricos, faremos referência a Italo Calvino (2004), segundo o qual a leitura nos situa no mundo. Quanto ao letramento literário citaremos, por exemplo, Magda Soares (2003) e Rildo Cosson (2003; 2016). Soares, por exemplo, defende que “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham e façam parte da vida do aluno. ”

O desenvolvimento desse artigo seguirá as seguintes etapas: na fase inicial daremos destaque a alguns autores/as que discutem a importância da leitura e do texto literário, destacando, em seguida, o conceito de letramento e letramento literário especificamente. Na sequência, apresentaremos o conto de Kate Chopin, “Um Par de Meias de Seda”, momento no qual serão levantadas questões da posição política e social da mulher. Concluída essa etapa, demonstraremos como a leitura do texto literário em sala de aula poderá ser fomentado com atividades que promovam o debate crítico de forma mais dinâmica. Será proposto, então, um debate e um pequeno júri simulado em que se decidiria sobre a culpabilidade da Sr^a Sommers, personagem central no conto acima referido, e, para finalizar, a leitura do conto supracitado por meio de sua dramatização, com recursos disponíveis em uma escola da rede pública com uma turma (hipotética) do 3º ano do Ensino Médio.

I. Leitura do texto literário e a formação cidadã de alunos/as.

Nesta fase inicial de nosso artigo, daremos destaque a alguns autores e autoras que discutem a importância da leitura do texto literário no processo de

formação cidadã de estudantes e analisam os desafios que a leitura enfrenta nas escolas brasileiras. O objetivo é apresentar um panorama geral, sem, obviamente, esgotar a temática nas breves páginas deste artigo.

É incontestável que a literatura seja imperativa na formação do aluno, “pois estimula a imaginação e contribui para que o estudante tenha senso crítico e reflexivo sobre o mundo” (SANTOS et al, 2016), proporcionando as habilidades de ler, escrever, ouvir e falar. Porém, como constata estas autoras, a dificuldade que os alunos de escolas públicas enfrentam diz respeito, entre outros, ao precário funcionamento de bibliotecas, por falta de livros que sejam suficientes e com falta de projetos didático-pedagógicos que sejam praticados na escola, incentivando assim os alunos a tomar não apenas o gosto pela leitura, mas também, como nos diz Carvalho (2015), “... formar um leitor capaz de processar e criticar, contradizer ou avaliar as informações diante de si, como também que saiba desfrutar, que dê sentido e significado ao que lê.”

Como se percebe, no processo de formação de alunos leitores e produtores de textos enfrentam-se os desprestígios material e institucional que são o fator que desmotivam e impedem os alunos de alcançarem interesse e curiosidade por esse mundo de riqueza e a complexidade da literatura; o que torna a tarefa do professor ainda mais árdua.

Como dizíamos, como professores, não devemos apenas ensinar nossos alunos a maneira de decifrar textos; exige-se a necessidade de aprender...

... a observar a construção, a ideologia e a intertextualidade de cada obra literária, para que se tornem pessoas críticas perante a sociedade e bons produtores textuais, já que a produção de textos, desde os simples aos mais elaborados, pressupõe a leitura (Santos et al, 2016, n.p).

Com a crise enfrentada no ensino de literatura nos últimos anos, vemos que os jovens se afastam da leitura em busca de outros recursos que chamam mais a sua atenção, como televisão, computadores e celulares, que estão invadindo e tomando o tempo deles, muitas vezes de forma improdutivo e ociosa. Com a explosão de tecnologias bem desenvolvidas e com jogos atrativos, os jovens acreditam que o livro é um objeto fora de moda, e não os atraem.

Na contramão desse pensamento, Aguiar e Bordini (1993) ressaltam que o livro é o instrumento que expressa todo e qualquer conteúdo humano, individual e social, de forma cumulativa. Através da leitura o indivíduo tem a capacidade de compreender seu papel como sujeito social, levando-os a (re)viver outros tempos. Larrosa (2000) defende que ler consiste em ver as coisas diferentes, coisas dantes nunca vistas, entregar-se ao texto, abandonar-se nele não apenas apropriar-se dele para nossos fins. As pessoas são permanentes leitoras em formação e a cada etapa vivida elas adquirem uma nova carga significativa para os conhecimentos já adquiridos por suas leituras anteriores.

De acordo com Zafalon (2013), “O texto literário não mostra apenas os fatos, mas a complexidade de pensamentos que circundam e permeiam os fatos, diferenciando o homem de cada época e de cada lugar, envolvido em seus processos históricos sociais.” Deste modo, o texto é uma potencialidade significativa, mas necessita do leitor para ser potencializado; ou seja, o sentido só vem à tona se o leitor for influenciado pelo texto e se sentir despertado. O professor precisa estabelecer um elo importante de ligação entre o aluno e o texto literário; é a partir daí que os novos leitores se encontram consigo e com os outros seres. A ajuda dos alunos na escolha dos textos a serem lidos e trabalhados seria um grande passo inicial para o entrosamento com a obra literária. Nesta situação, porém, deve-se levar em conta que

O professor de Literatura deve ter como objetivo fundamental estabelecer um contato efetivo do aluno com o texto, portanto as obras literárias selecionadas devem estar o mais próximo possível do que eles esperam, já que a experiência de leitura e a visão de mundo do adolescente ainda são mais restritas (Zafalon, 2013, n.p).

O ensino de literatura está sendo muito discutido com relação a leitura e escrita. Os questionamentos estão direcionados aos métodos, às abordagens e à concepção de educação, uma vez que a aprendizagem demonstra que muitos alunos passam anos na escola, mas não adquirem as competências mínimas de leitura e escrita necessárias para que possam fazer a leitura de um texto e compreendê-lo. Noutras palavras, não alcançam o nível *funcional* de leitura tão desejado. Esta falha pode ser explicada no que ainda se vê em alguns livros didáticos e sua relação ao ensino de literatura no ensino médio: geralmente eles

abordam o contexto em que a obra foi produzida e publicada, fala sobre a vida do autor e outras obras escritas por ele, o movimento artístico em que a obra literária se insere, mas não colocam o leitor em contato efetivo com o texto para saber o que realmente ele diz e pretende em suas entrelinhas.

Na contramão de leituras improdutivas na escola, Bartolomeu Campos de Queiroz (2013) revela que um de seus objetivos é a busca por subsídios para a prática docente que possam interferir positivamente na situação atual do nosso país, proporcionando aos leitores-alunos e professores uma experiência de leitura enriquecedora e prazerosa.

Na concepção de literatura segundo Saraiva e Mügge (2006), os subsídios apontados acima se mostram positivos quando

a noção de texto literário, compreendido como universo ficcional que, entretanto, traduz dimensões sociais, históricas e culturais, se complementa com o reconhecimento de que ele é, essencialmente um fenômeno de linguagem. (...) A obra de literatura é um objeto de linguagem que se constrói pela palavra e pelos recursos que a língua oferece: organização sintática, seleção vocabular, figuras de linguagem, musicalidade, ritmo.... Além disso como produto da atividade humana, apresenta uma visão do mundo e da existência, traz consigo marcas da humanidade — angústias, alegrias, sucessos, frustrações, conquistas, decepções (Saraiva e Mügge, 2006, n.p).

Conclui-se a partir desta citação que, de fato, é necessário que o leitor conheça o contexto de produção (autor, escola literária etc.), bem como o funcionamento e os constituintes da estrutura linguística que o texto literário se configura. No entanto, para interagir e construir sentido com a obra e atribuir-lhe significação de forma mais abrangente, as dimensões sociais, históricas e culturais acima apontadas precisam ser colocadas em pauta também.

Enquanto representação da experiência humana, a literatura nos permite entender quem somos e aonde podemos chegar (CALVINO, 2004, p.16). Ainda assim há uma resistência por partes de muitos jovens a uma experiência de leitura básica à formação pessoal e cidadã. Infelizmente, muitos professores curvam-se a essa resistência, “convencidos” de que literatura apresenta alguma dificuldade para ser abordada em sala de aula. Na contramão dessa ‘resistência’, os estudos de Letramento Literário têm contemplado questões relevantes de pesquisa, tais como: o processo de escolarização da literatura, as práticas de

formação de leitores, as especificidades da leitura do texto literário, objetivando levar experiência literária como prática de entretenimento, reflexão, fruição.

No conceito geral de Letramento pode-se afirmar que

(...) o Letramento Literário como condição daquele que apenas é capaz de ler e compreender gêneros literários, mas aprendeu a gostar de ler literatura e o faz por escolha, pela descoberta de uma experiência de leitura distinta, associada ao prazer estético (Barbosa, 2011, n.p).

Pelas pesquisas e estudos realizados dentro da esfera escolar, conclui-se que a escola ainda é a grande promotora da leitura de literatura, e cabe a escola a tarefa de apresentar e trabalhar a literatura com os alunos. Seguindo a linha do Letramento, os estudos de literatura devem ocupar um tal espaço onde a formação de leitores de literatura significa práticas centradas na produção de leituras protagonizadas pelos alunos; como se infere na seguinte citação:

A leitura é um jogo em que o autor escolhe as peças, dá regras, monta o texto e deixa ao leitor a possibilidade de fazer combinações. Quando ela faz sentido, esta ganha a aposta. Mas isso só acontece porque o leitor aceita as regras e se transporta para o mundo imaginário criado. Se ele resiste, fica fora da partida (Santos et al, 2016, n.p).

II. De alfabetizados para o patamar de letrados.

A escola é destacada como o ponto de referência e o ambiente em que os alunos se encontram com a leitura e assim com o mundo das linguagens. Segundo Almeida et al (s/d), "... é o espaço onde os alunos devem ter contato com diferentes textos e gêneros variados". Neste sentido, é necessário que a escola reflita e crie estratégias necessárias para interação do aluno com relação as manifestações culturais que são ligadas a nossa sociedade. Ainda de acordo com Almeida et al:

Quando um texto literário é levado para a sala de aula com direcionamento voltado para as questões de análise de léxico ou sintático, o professor acaba por negar todo conteúdo estético e ideológico discursivo que a literatura pode proporcionar, mata o prazer da leitura para privilegiar a regra do "escrever e falar bem" (Almeida et al, sem data, n.p).

Com o uso da produção de textos, as práticas de leituras realizadas pelos alunos com o texto literário têm a função de suporte direcionado a exercícios e reflexões ligados aos aspectos da linguagem e na escrita correta, mas não

apenas isso. O letramento crítico desses alunos também precisa ser insistentemente estimulado, ou não teremos cidadãos que atuem criticamente em sociedade. O papel da literatura em sala de aula vai além de aprender os conteúdos curriculares, tem a possibilidade de aprender também a viver e compreender melhor como ser social e individual. Nessa esteira, o texto literário tem sua importância na escola com práticas de aulas voltadas para o letramento que ampliem as competências significativas voltadas para “...as atividades sociais, interativas envolvendo leituras, escritas, análise e reflexão”, conforme esclarecem Almeida et al.

Como podemos perceber, o texto literário possui seu lugar de destaque na constituição de formas de vivência ao pensamento reflexivo uma vez que a leitura traz novas ideias, concepções, novos dados, novas perspectivas, novas e diferentes informações acerca do mundo, incluindo aquelas das pessoas e da história de nossa cultura e de culturas estrangeiras.

Corroborando este arrazoamento Rildo Cosson (2016, p.17), que defende que na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. É na esteira dessas reflexões que deve-se compreender o conceito de letramento e seu alcance.

Embora o conceito de Letramento seja muito discutido nos tempos atuais, para muitos ainda se torna novidade, por exemplo aos recém-chegados nos meios acadêmicos e àqueles que já atuam no meio escolar há mais tempo. Aos poucos está ganhando espaço nos cursos oferecidos na formação de professores e nas pesquisas acadêmicas.

Para Magda Soares (1999), a palavra letramento assim como seu conceito é algo recente no Brasil; seu surgimento se deu pela necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o mero domínio do sistema alfabético e ortográfico. Sendo assim, o objetivo principal do letramento literário é formar leitores críticos que possam compreender o mundo que os cercam. Neste sentido, é necessário inserir o estudante no mundo literário, não basta apenas a leitura de resumos de obras ou fragmentos de textos; exige-se a necessidade de ler, interpretar e

compreender o verdadeiro sentido do texto (inclusive o literário) e como ele dialoga com a vivência prática e imediata desses estudantes. Neste contexto, segundo Vieira (2015), "... a literatura é a base e o ponto de partida e chegada do letramento literário."

Magda Soares (1999), esclarece ser possível, através da adequada escolarização do texto literário desenvolver um trabalho mais eficaz no que diz respeito ao letramento em sala de aula. Segundo ela, "O letramento literário nos oferece uma possibilidade de estratégias metodológicas no direcionamento e fortalecimento do ensino de literatura oferecidas aos alunos" (1999, p, 19).

O termo letramento é a versão em português da palavra em inglês *Literacy*. Assim, segundo (SOARES, 2018, p.40), o termo letramento assume dois significados: primeiramente está relacionado a uma pessoa erudita, versada em letras, letras no significado literatura, línguas. Em segundo lugar, pode se referir ao indivíduo que usa socialmente a leitura e a escrita, que responde adequadamente às demandas sociais de leituras e escrita.

Vale salientar que entre o cidadão alfabetizado e um cidadão letrado existem suas diferenças consideráveis: o alfabetizado possui a capacidade de ler e escrever, enquanto o cidadão alfabetizado, porém letrado, assume esta condição, utilizando-se da leitura e escrita para atender às exigências impostas pela sociedade para um diálogo crítico e eficaz, portanto de construção social cidadã.

A leitura e escrita são duas habilidades de extrema importância e necessidade na sociedade e que os jovens estudantes no seu processo na educação educacional precisam e devem ser orientados no melhor modo a desenvolver essas habilidades.

No que diz respeito ao letramento literário na sala de aula, o foco não é apenas fazer a leitura e desenvolver as habilidades de ler gêneros literários, mas ter a oportunidade de capacitar os alunos na compreensão e na ressignificação dos textos. Estratégias metodológicas que ampliem e fortaleçam a educação literária são extremamente urgentes para tornar esses alunos leitores proficientes, dentro e fora do contexto escolar.

Cosson (2016, pp. 29-30) propõe que

[...] se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura não basta apenas ler, [...] tem que conhecer a articular com proficiência o mundo feito linguagem. [...]. Assim a leitura e a escrita podem potencializar práticas sociais num mundo feito de linguagem.

Considerando os argumentos apresentados até aqui com relação à leitura, sua capacidade transformadora e suas potencialidades de uso em sala de aula, passemos agora a argumentar como a escritora estadunidense Kate Chopin e sua literatura podem contribuir nessa direção.

III. A atualidade da literatura de Kate Chopin.

Katherine O' Flaherty nasceu em 8 de fevereiro de 1850 em Saint Louis, Missouri, Estados Unidos De descendência francesa, Kate recebeu pelo lado materno, uma forte influência na educação. Mais tarde, no colégio, como estudante, ela seguiu o sistema educacional da França, que incluía aulas de formação religiosa, aprendizado e línguas, música e o estudo da literatura. Apesar desse rigor educacional, Chopin seguiu a vida adulta com muita independência: tinha uma intensa vida social que incluía fumar, namorar, ler livros proibidos, caminhar sozinha pelas ruas e ter amizades masculinas além de manter um salão literário.

Em junho de 1870, Kate Chopin casou se com Oscar Chopin, um imigrante francês e próspero comerciante de algodão, de quem recebeu o sobrenome. Seu marido morreu precocemente, deixando-a viúva e mãe de seis filhos. Depois desse episódio, Kate começou sua escrita ficcional.

A produção literária de Kate Chopin é composta por dois romances, *At Fault* (1890) e *The Awakening* (1899) e diversos contos. Kate Chopin não hesitou em desestabilizar a sociedade da época, abordando temáticas que demonstravam a dominação e opressão nas relações de gênero, e o discurso responsável pela sustentação concernente à posição do marido no meio familiar e social e a conseqüente tentativa de libertação feminina. Plenamente atenta ao que acontecia ao seu redor, Chopin valeu-se da literatura para despertar nos

leitores o senso crítico, com o intuito de que entendessem e questionassem as questões políticas e sociais na época em que viviam.

Entende-se que o uso de narrativas de vivências tão comuns é um dos muitos fatores que, nas obras de Kate Chopin, possibilita reconhecimento e conexão com o texto, de forma que seus leitores/as transcendam a condição de espectadores/as e tracem um percurso de reconhecimento com o que é exposto na narrativa.

Uma proposta que fazemos com o presente artigo é o de levar os contos de Kate Chopin para sala de aula do Ensino Médio com o objetivo de fomentar a discussão do papel da mulher na sociedade. Os contos de Chopin, embora publicados ainda no século XIX, são literatura fértil para esta temática. Chopin pautou seus trabalhos num realismo crítico, enfrentando os rígidos preceitos da tradição patriarcal vigente no século XIX os quais ainda se fazem ver em pleno século XXI.

Kate Chopin, ainda que tenha vivido antes de ser criado o termo ‘feminismo’, era considerada uma escritora feminista, principalmente se não considerarmos o termo feminista como o de militante da metade do século XX ou como defende a valorização dos direitos e interesses das mulheres, mas “como aquela que, à sua maneira, conseguiu visualizar e denunciar as condições de desigualdades entre os sexos, mesmo tendo vivido muito tempo antes de ter sido cunhado o termo *feminismo*” (SILVESTRE, 2007, p.21, *apud* Barros, 2016).

Kate Chopin não hesitou em desestabilizar a sociedade da época, abordando temáticas que demonstravam a dominação e opressão nas relações de gênero, e o discurso responsável pela sustentação concernente à posição do marido no meio familiar e social e a consequente tentativa de libertação feminina. Plenamente atenta ao que acontecia ao seu redor, Chopin representou a realidade de sua época através da ficção, recriando, com uma dose de ironia, o universo em que vivia por meio das personagens de suas obras e contos. Com isso, a autora valeu-se da literatura para despertar nos leitores o senso crítico, com o intuito de que entendessem e questionassem as questões políticas e sociais da época em que viviam.

Um dos contos de Chopin se encaixa muito bem nessa orientação “feminista” da escritora e nos chama a atenção como possibilidade para muitas atividades em sala de aula que vão além de uma leitura inicial entre os estudantes para uma ampliação da compreensão do que se lê superficialmente; esse conto se intitula “Um par de meia de sedas”, publicado em 1897.

Resumidamente, esta breve narrativa relata um momento singular na vida da Senhora Sommers, que se vê possuidora de quinze dólares, um volume de dinheiro muito grande nas circunstâncias de privação que vivia então. Este fato lhe trouxe uma sensação de importância que há muito tempo ela não desfrutava.

Depois de alguns dias de reflexão, ela decide usar o dinheiro para atender as necessidades imediatas de seus filhos. O vislumbre de sua prole exibindo viço, delicadeza e frescor uma vez na vida a animou e a deixou muito irrequieta e insone de expectativa.

Porém, ao sair para as compras, a Senhora Sommers se depara com um par de meias de seda à venda, e fica encantada com sua maciez. Nesse momento ela esquece todos os planos de comprar roupas para os filhos e, em vez disso, gasta seu dinheiro e sua tarde para si mesma. Ela compra tudo que chega ao seu agrado, compra as meias de seda, botas para acompanhar as meias, compra luvas de pelica ajustadas, lê revistas caras enquanto almoça em um belo restaurante de luxo e termina o dia trocando algumas palavras com uma senhora com quem assistiu uma peça de teatro.

Depois dessa aventura tão particular e plena de bem-estar, ela embarca no bonde de volta para casa, desejando que o bonde nunca parasse em lugar algum, e continuasse com ela ali dentro para sempre.

IV. “Um par de meia de sedas”: uma aula em cenas.

Segundo Carvalho (2015), “É na atividade de leitura que o aluno ativará o lugar social, nas vivências, suas relações com os outros, os valores de sua comunidade e seus conhecimentos textuais”. Corroborando esta percepção, podemos citar Koch e Elias, que afirmam: “A leitura e a produção de sentido são

atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva: conhecimento da língua e das coisas do mundo lugares sociais, crenças, valores e vivências”. (KOCH e ELIAS, 2008, p.21).

Neste contexto, o professor, como mediador, tem o objetivo e o desafio de levar o aluno a despertar o interesse pelo que se é lido, elaborar e rever interpretações e mensagens que a literatura oferece, para que futuramente ele possa seguir pelo mundo literário fazendo suas próprias escolhas por puro prazer.

No que diz respeito à questão didática, Lajolo (2000), defende que o desinteresse pela leitura literária pode ser consequência de desagradáveis rituais de iniciação, ou seja quando os alunos, talvez, não tiveram um bom primeiro contato com a literatura, considerando-a enfadonha, cansativa ou de difícil entendimento. Com o objetivo de mudar essa situação, muitos professores buscam torna-se verdadeiros “atores” na medida em que precisam, entre outras estratégias, dramatizar o assunto, despertando a motivação dos alunos à leitura, sendo este um dos recursos que podem favorecer a dinâmica da leitura em sala de aula em busca do sentido da obra literária, que deve ser individualmente interpretada pelo aluno de forma subjetiva, enquanto o professor tem o papel “simples” de direcionar o aluno a buscar o sentido funcional do texto. A arte nos dá o prazer de entrar em seu jogo como se fosse um brinquedo e a literatura é uma arte que se manifesta pela palavra falada ou escrita e dramatizada, sendo essa perspectiva que o estudante deve ter em mente: a literatura como obra de arte versátil.

O teatro tomou maiores proporções no meio escolar nas décadas de 1950 e 1960 nos Estados Unidos e Europa. No Brasil, porém, principalmente em escolas públicas, ainda estamos “engatinhando” nesse sentido, a despeito de sua indiscutível importância. Para Olga Reverbel (1979),

Na concepção o teatro aplicado a educação possui o papel de mobilização de todas as capacidades criadoras e o aprimoramento da relação vital do indivíduo com o mundo contingente, as atividades dramáticas liberam a criatividade e humanizam o indivíduo, pois o aluno é capaz de aplicar e integrar o conhecimento adquirido nas demais disciplinas de escola e principalmente na vida. Isso significa o desenvolvimento gradativo na área cognitiva e afetiva do ser humano. (Reverbel, 1979, n.p).

O teatro na educação tem um investimento direcionado mais ao processo do que no resultado que ele possa estabelecer nos integrantes. Com a diferença do teatro profissional, o teatro na educação não vive para o público e sim para desenvolver diferentes habilidades dos alunos, já que os integrantes de teatro são direcionados por um diretor de teatro e os alunos por um coordenador de processos, geralmente o próprio professor/a.

É importante distinguir o teatro como ferramenta pedagógica, que é trabalhado na sala de aula e tem o objetivo de fixar conhecimentos, daquele teatro-educação, que objetiva oferecer fins socioculturais e artísticos, com a função de ser oferecido como uma atividade extracurricular.

Na concepção de Vidor, é inquestionável que o teatro pedagógico atue como uma ferramenta de grande importância para a educação formal, já que visa a auxiliar na absorção de conhecimento, abordando conteúdo específicos de disciplinas como História, Geografia, Matemática etc. VIDOR ainda ressalta que: “Pode-se compreender que o teatro-pedagógico, ainda que trabalhe o estético, tem como objetivo principal o estudo do texto, diferentemente do teatro-educação, que revela maior compromisso com o desenvolvimento das habilidades inter- e intrapessoais (...)” (VIDOR, 2010, p.27; grifo nosso).

De acordo com COELHO (2014), nos primeiros contatos dos alunos com o teatro eles devem trabalhar a inteligência cinestésica,

(...) utilizando o corpo para fazer expressões e resolver problemas, também em primeiros contatos com o teatro, os alunos recorrem à inteligência interpessoal, nas improvisações, em que um contracenava com o outro sem texto prévio e necessita desenvolver a capacidade de entender e responder adequadamente a estímulos e intenções reveladas no jogo de cena (Coelho, 2014, n.p).

Ainda conforme Coelho (2014), com o teatro incluso na educação os integrantes conseguem desenvolver técnicas de composição, inteligência espacial e equilíbrio de corpo e de palco. Também no teatro na escola pode-se desenvolver a inteligência musical através de coreografias, ritmo de cena, textura de timbres vocais, utilizando assim instrumentos de sonoplastia.

Embora apresente-se com uma narrativa muito curta, o conto “Um par de meias de seda” é muito viável para se colocar em cena em plena sala de aula,

já que, essa experiência cinestésica (mas igualmente sinestésica) está bem associada aos movimentos de descoberta da Sr^a Sommers. Nesta percepção, e como “ritual de iniciação”, o professor/a poderia orientar sua aula seguindo as seguintes etapas:

1. Antes da leitura do conto propriamente dito, o professor/a poderia levantar a questão da posição social e política da mulher, comparando esta posição em sociedades diferentes ao longo da história. Os alunos/as poderiam fazer uma pesquisa sobre este assunto antecipadamente, o que promoveria um debate em sala de aula. Aqui, por exemplo, poderia se destacar o fato de que durante muito tempo a mulher foi tratada em condição de inferioridade. Havendo divisões entre os sexos, o homem se reservou o direito ao trabalho externo, ao convívio social e à intelectualidade; enquanto a mulher se restringia apenas às atividades domésticas, e era vista “como propagadora da moralidade e da religião, devendo ser discreta, silenciosa, submissa” (Zannata, 2017).

Se bem que existem registros de mulheres à frente de seu tempo ao longo dos séculos, passando por muitos preconceitos e privações. Algumas características são qualificadas como naturais desde o início dos tempos às mulheres: passividade, submissão, maior capacidade emotiva, menor grau de intelectualidade e fragilidade, o que as rotulam como sexo frágil.

Em uma sociedade patriarcal se institucionalizam regras sociais e culturais específicas para cada sexo entre homens e mulheres; assim tal modelo de sociedade organiza-se em gêneros onde o homem assume um papel elevado e significativo, enquanto a mulher tem a simples função de reprodutora, que necessita abdicar de seus desejos e anseios para se dedicar a sua família, e com isso assume o papel secundário de dependente do homem.

2. Concluída esta etapa, o conto de Chopin poderia ser apresentado e lido por cada aluno/a silenciosamente. Após este momento, à turma seria apresentada a questão: “*Você considera*

que a Srª Sommers agiu sabiamente no uso do dinheiro que dispunha?”. Talvez, nesse momento, as alunas da turma argumentassem de forma mais favorável às ações da Srª Sommers, diferentemente dos alunos. Aqui então, poderia ser simulado um júri ou tribunal em que se decidiria sobre a culpabilidade ou não da Srª Sommers acerca de seu comportamento. Talvez a conclusão desse debate pudesse destacar o que nos alerta Gouveia (1999) quando enfatiza que o sexo se refere às diferenças presentes em nossos corpos, nos aspectos físicos e biológicos de macho e fêmea, que se desenvolvem ao longo da vida. Assim a sociedade não só cria os ideais, as representações de gêneros, como também as relações entre esses, em que feminino e masculino são dispostos como em uma ‘dicotomia’, sendo o polo masculino mais valorizado. Porém, nossa sexualidade e o gênero não são dados pela natureza. Como cada sujeito nasça com um sexo, os desejos e os comportamentos, sentimentos e desejos são influenciados ou criados de acordo com as relações de gênero, organizadas pela sociedade.

3. Uma terceira etapa de “leitura” do conto “Um par de meias de seda” seria a sua dramatização. Sant’Ana (s/d) defende que para se concretizar as práticas de letramento de modo estratégico, um dos caminhos viáveis é o trabalho de dramatização com as obras literárias na escola. Para este fim, pode-se usar textos poéticos e narrativos, pois os alunos teriam que fazer a leitura do texto literário e, em seguida, produzir um novo texto para ser encenado com os colegas. A autora defende também que a encenação de textos literários pode funcionar como uma estratégia pedagógica em vias do desenvolvimento e do aperfeiçoamento da leitura e da produção em sala de aula. Ratificando outros estudiosos em Letramento, Sant’Anna conclui:

Por isso, os textos literários devem ser lidos, discutidos, ressignificados e produzidos em sala de aula e fora dela, para que nossos estudantes experimentem um alto nível de letramento literário, principalmente em vias de demandas de interação social, diante de contextos como é a vida (Sant’anna, sem data, n.p).

4. Diante do item 3 acima colocado, propomos adaptar o conto “Um par de meias de seda”, de Kate Chopin, dando-lhe uma feição de texto/gênero dramático, para que sirva de roteiro inicial para sua encenação em sala de aula, considerando as dificuldades materiais advindas de uma escola pública no Brasil, mas, por outro lado, acreditando na criatividade e entusiasmo dos alunos e alunas, sob orientação de seu professor/a para este fim. Entendemos que este texto de Chopin, bem como sua dramatização, se aplica melhor aos estudantes do Ensino Médio. Numa articulação cooperativa entre professor/a e alunos/as de uma turma do 3º ano, uma produção textual que adaptaria o conto de Chopin resultaria no texto dramático que se vê no **Anexo** deste trabalho.

Considerações Finais:

Como vimos inicialmente, em diferentes contextos de estudo e pesquisa, a leitura ainda é foco que gera muitas discussões. No que diz respeito ao contexto escolar, a leitura e a escrita apresentam uma grande preocupação na sociedade atual, em especial na brasileira. Foi assim que constatamos o papel do professor/a em criar estratégias atraentes para quando os alunos entrarem no mundo da leitura vejam o quanto é maravilhoso e de grandes descobertas. Que uma vez sendo conhecido esse mundo, eles, cada vez mais, tenham curiosidade e atração para outras descobertas literárias. Cabe principalmente ao professor/a desenvolver procedimentos para que os alunos leiam e desenvolvam seu pensamento crítico e criativo.

Neste artigo, abordamos a possibilidade de dramatização como ferramenta para o letramento literário, aplicando esta abordagem em *Um Par de Meias de Seda*, da contista e romancista estadunidense Kate Chopin. Considerando que a literatura tem seu papel no ensino de línguas no ensino médio (e em outras áreas do conhecimento humano), nos propusemos estimular a criatividade e a imaginação através da leitura literária, e dessa forma o drama foi incluso no dia a dia da educação de seus integrantes: uma turma potencial de

alunos/as do Ensino Médio de uma imaginária Escola Pública. A ideia foi não apenas desenvolver técnicas de composição e inteligência espacial com equilíbrio de corpo e “palco”, mas igualmente, ou talvez mais importante, proporcionar a oportunidade de reflexão crítica do conto literário acima citado.

Assim, concluímos que o letramento literário traz o objetivo principal na formação de leitores críticos que tenham a possibilidade para compreender o mundo ao seu redor, despertando o interesse, a curiosidade a esse mundo de riqueza e de complexidade da literatura que nos incentiva o desejo de expressão do mundo por nós mesmos.

De forma particular, este trabalho me levou também a reflexões e conclusões pessoais para minha experiência como mulher, inspirada que fui pelo papel doméstico e social da Senhora Sommers. Aprendi que há muito tempo as mulheres já lutam pelo direito de igualdade em relação aos homens, buscando os mesmos espaços e os mesmos direitos em sociedade, quando se propõe a elas apenas atuarem como cuidadoras de casa, filhos e marido, esquecendo-se de si próprias, renunciando as suas vontades e seus anseios. Contrariamente a essa orientação, aos poucos elas vão conquistando seu espaço e oportunidade de igualdade. Uma batalha que sei, por mim mesma, que nunca foi fácil e sempre será árdua. Mesmo assim as mulheres dos dias atuais estão conquistando vitórias nas relações pessoais e profissionais, o que pode encorajar outras mulheres que ainda permanecem cativas em uma sociedade ainda patriarcal.

REFERÊNCIAS:

- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BARBOSA, Begma Tavares. **Letramento literário: sobre a formação escolar do leitor jovem**. Revista Educ. foco, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 145-167 mar. / ago. 2011
- BARROS, Walter Vieira et al. **Uma análise comparatista: atitude feminista das protagonistas dos contos “Um Par de Meias de Seda” e “O Temporal”, de Kate Chopin**. Revista Letras Raras, v. 5, n. 2, p. 139-150, 2016.
- CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CARVALHO, Damiana Maria. **“A Importância da Leitura Literária para o Ensino”**. ENTRELETRAS, Araguaína/TO, v. 6, n. 1, p.6-21, jan/jun. 2015 (ISSN 2179-3948 – online). Acesso 28 de fevereiro de 2021.
- CHOPIN, K. Um par de meias de seda. In: VIÉGAS-FARIA, B.; BROSE, E.; CARDOSO, B. M. (Org.). *Kate Chopin: contos traduzidos e comentados: estudos literários e humanidades médicas*. Trad. Márcia Knop. Porto Alegre: Luminara, 2011. p. 19-24.
- COELHO, MÁRCIA AZEVEDO. **Teatro na escola: uma possibilidade de educação efetiva**. POLÊMICA, v. 13, n. 2, p. 1208-1224, 2014.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. Editora Contexto, 2016.
- DE ALMEIDA, Flávio Aparecido et al. LETRAMENTO LITERÁRIO: FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO. In: **Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online**. (Vol. 7, No. 1).
- GOUVEIA, T.; CAMURÇA S. *O que é gênero*. 2. ed. Recife: SOS Corpo, 1999.
- KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2000.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução: Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- março 2020.
- MATOS, Solange Cavalcante; TESTA, Eliane Cristina. **LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA: A FORMAÇÃO DE LEITORES E ESCRITORES NO ENSINO MÉDIO**. Facit Business and Technology Journal, v. 1, n. 22, 2021.
- PERROT, Michelle; FERREIRA, Roberto Leal. **Mulheres públicas**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Para ler em silêncio**. Moderna, 2013.
- RAMOS, Flávia Brocchetto. MÜGGE, Ernani; SARAIVA, Juracy et ali.. **Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental**. Porto Alegre: Artmed. *Revista Investigações*, v. 19, n. 1, p. 177-187. 2006
- RAMOS, Flávia Brocchetto; ZANOLLA, Taciana. **Repensando o ensino de literatura no Ensino Médio: a interação texto-leitor como centro**. Revista Contrapontos, v. 9, n. 1, p. 65-80, 2009.
- REVERBEL, Olga. *O Teatro na sala de aula*. 2. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- SANT’ANA, Joana Amélia. **A importância da literatura na formação do homem Teatro e literatura dramatizada: uma perspectiva de leitura**. S/d. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/336-4.pdf>>. Acesso em: 30 de abril de 2021.
- SANTOS, Evelim. & SANTOS, Jayna Souza. **Uma análise sobre o ensino de literatura em uma escola pública do estado do Pará**. Revista Graduando, Feira de Santana, v. 7, n. 10, p. 35-53, 2016.
- SOARES, Magda et al. A escolarização da literatura infantil e juvenil. **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 17-48, 1999.
- SOARES, Magda. **Letramento-um tema em três gêneros**. Autêntica, 2018.
- SULTANA, A. **Patriarchy and Women’s Subordination: A theoretical Analysis**. The Arts Faculty Journal. 2011. Disponível em <<http://www.banglajol.info/index.php/AFJ/article/download/12929/9293>> acessado em julho de 2014.

- VIDOR, Heloíse. **Drama e teatralidade: o ensino do teatro na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- VIEIRA, Hilluska de Figueredo Sousa Carneiro. **Letramento literário-um caminho possível**. ArReDia, v. 4, n. 7, p. 117-126, 2015.
- ZAFALON, Miriam. **Leitura e ensino da literatura: reflexões**. Maringá (UEM), http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_mirian_zafalon.pdf. 2013.
- ZANATTA, Deisi Luzia; BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. **A Emancipação Feminina Na Literatura: uma leitura de Um Par de Meias de Seda, de Kate Chopin**. Revista Nuances: estudos sobre Educação, v. 28, n. 1, p. 186-200, 2017.

ANEXO:

Proposta de dramatização de “Um par de meias de seda”, de Kate Chopin.

PERSONAGENS:

1. Protagonista: aluna representando a Sr^a Sommers.
2. Narrador/a: preferencialmente a voz de uma aluna, uma vez que toda essa experiência da Sr^a Sommers é muito relacionada ao universo feminino e muito mais sensivelmente absorvida pelas mulheres. Por conta de a dramatização ser realizada dentro da sala de aula, com poucos recursos materiais etc, a figura do narrador durante a dramatização facilitará a apreensão por parte dos expectadores da vivência da Sr^a Sommers nos diversos momentos de sua trajetória para as compras e de volta para casa. Boa parte da fala do narrador/a será extraída e/ou adaptada do próprio conto e sem aspas
- Figurino inicial da Sr^a Sommers: um avental, uma bolsa de mão, uma velha sacola de compras, uma meia de algodão.
- Os demais figurinos dos personagens que interagem com Sr^a Sommers terão uma identificação mínima, como o garçom, que poderá ter apenas uma bandeja à mão.

PERSONAGENS Secundários:

1. Aluna. Vendedora da loja de meias
2. Aluno. Vendedor na seção de sapatos
3. Aluna. Vendedora na seção de luvas
4. Aluno. Garçom do restaurante
5. Três casais de alunos que serão figurantes no restaurante
6. Aluna. A mulher que conversa com Sr^a Sommers no teatro
7. Figurantes

Roteiro da Dramatização: Um Par de meias de Seda.

PRIMEIRO ATO: Casa da Srª Sommers.

- Direção Cênica:
 - Cozinha humilde, com uma mesa simples com quatro cadeiras, uma toalha simples na mesa e uma garrafa de café com dois copos.
 - A Srª Sommers encontra-se em pé na cozinha da sua casa, vestida com um avental simples e, portando a *porta-monnaie* com os 15 dólares, conversa em voz alta consigo mesma sobre como gastar essa quantia, ao mesmo tempo em que termina seus afazeres, como o almoço e arrumar a casa, para sair às compras.
 - (A Srª Sommers fecha a porta de casa e pega um bonde que a leva ao comércio da pequena cidade onde mora).

SEGUNDO ATO: Loja de Departamentos:

Direção Cênica: Srª Sommers se encontra na loja, em um balcão, que pode ser substituído por uma mesa ou birô, uma banquetta, alguns pares de meias sobre o balcão e uma placa anunciando o valor das meias R\$59,90, outra R\$70,00. Srª Sommers está usando uma meia de algodão, onde se percebe já desgastada. Muitas mulheres fazem compras, num empurra-empurra sem parar. Repentinamente, sua mão toca algo que lhe chama a atenção. Olhou para baixo e viu que sua mão estava sobre uma pilha de meias de seda.

— VENDEDORA DA LOJA: A Srª gostaria de conhecer nossa linha de meias de seda?

Direção Cênica: Srª Sommers sorri! E continua a tatear as luxuosas coisas macias e senti-las deslizar por entre os dedos.

— SRª SOMMERS: - Você acha que tem algum tamanho 38 por aqui?

— VENDEDORA DA LOJA: - Sim há vários de número 38, e em várias cores, um par azul-claro, alguns na cor lavanda, alguns pretos, e vários tons de cinza e canela.

(Srª Sommers pega o par de meias preto e olha para elas atentamente. Fingindo estar examinado sua textura).

— VENDEDORA DA LOJA: Esses pares de meias são de ótima qualidade e excelente textura.

— SRª SOMMERS: Bem, eu vou levar este par aqui.

NARRADOR: Depois disso, a Sra. Sommers pagou as meias e na área da sala de espera feminina, troca suas meias de algodão pelas novas de seda. Ela se encosta na cadeira estofada e deleita-se por um tempo, sentindo o toque suave da seda em sua pele. Depois, calça de volta os sapatos, enrola as meias de algodão e as enfia na sacola.

Direção Cênica: Srª Sommers caminha para seção de calçados da mesma loja próxima, e olha curiosamente algumas amostras de sapatos. Retira suas meias novas da bolsa.)

— SRª SOMMERS: Não consigo encontrar nada que chegue no meu agrado.

— VENDEDRO DA LOJA: Gostaria de harmonizar seus sapatos com as meias? Que tal essas botas?

— SRª SOMMERS: Quero algo com um caimento perfeito, e não me importo com a diferença de um Real ou dois no preço.

Direção Cênica: Enquanto olha as botas elegantes, Srª Sommers não consegue se dá conta de que eles lhe pertenciam e eram uma parte dela. Nesse momento, também olha para as mãos, como algo mais precisasse de ajustes.

NARRADOR: Fazia muito tempo desde que a Sra. Sommers tivera luvas sob medida. Nas raras ocasiões em que comprara um par, elas eram sempre “pechinchas”, tão baratas que teria sido absurdo e irracional ter esperado que fossem ajustadas à mão.

Direção Cênica: Sra. Sommers dirige-se ao balcão de luvas ainda na mesma loja, onde é atendida por uma outra vendedora.

— VENDEDORA DA LOJA: Procura alguma coisa específica, senhora?

SRª SOMMERS: Luvas de pelica, longas por favor!

Direção Cênica: Veste-as com suavidade sobre o punho e as abotoa habilidosamente, e se perde numa contemplação admirativa da pequena mão simetricamente enluvada.

TERCEIRO ATO: banca de revistas e restaurante

Narrador: Srª Sommers sai da loja entusiasmada, havia outros lugares onde gastar seu dinheiro. Ainda na mesma rua ela encontra uma banca com livros, algumas revistas empilhadas sobre uma janela. Compra duas revistas cara. Levou-as sem embrulho. Suas meias, botas e luvas bem ajustadas fizeram milagres em seu comportamento, haviam lhe conferido uma sensação de confiança, uma sensação de pertencimento à multidão bem-vestida.

Direção Cênica: Srª Sommers faz algum gesto passando a mão no estômago; estava com muita fome. Para em frente a um restaurante. Vê-se umas mesas, com arranjos e três casais sentados conversando, um garçom.

NARRADOR: Em outra época, teria silenciado o desejo de comer até chegar em casa. Mas o impulso que a guiava não lhe permitia admitir tal pensamento.

Direção Cênica: Srª Sommers entra no restaurante e senta-se sozinha a uma pequena mesa.

— GARÇOM: - Bom dia Senhora, vamos fazer o seu pedido?!

— SRª SOMMERS: - Pode anotar o meu pedido, por favor: uma costeleta roliça com agrião, uma coisa doce – um *crème-frappée*, uma taça de vinho do Reno, e, por fim, uma xícara pequena de café preto.

Direção Cênica: Enquanto espera para ser servida, ela tira as luvas muito vagarosamente e as põe a seu lado. Depois, pega uma revista e a folheia, cortando as páginas com a lâmina cega da faca. Ouve-se uma melodia delicada ao fundo.

Direção Cênica: Logo depois, é servida. Ela saboreia tudo muito elegantemente, enquanto, vez ou outra, agita os dedos nas meias de seda. Em seguida, conta o dinheiro na frente do garçom, deixa uma moeda a mais em sua bandeja, e sai do restaurante.

QUARTO ATO: no Teatro.

NARRADOR: Ainda havia dinheiro na bolsa, e sua próxima tentação se apresentou na forma de um cartaz de matinê.

Direção Cênica: Sr^a Sommers entra no teatro; a peça havia começado. Ela se acomodada entre mulheres vestidas de forma elegante. Assiste à peça, ri da comédia e chora, juntamente com uma outra senhora que senta-se próximo. Findo o espetáculo, conversaram um pouco, baixinho, e a mulher oferece doces a Sra. Sommers.

QUINTO ATO: de volta para casa...

Direção Cênica: Sr^a Sommers sai do teatro e dirige-se para esquina onde pega um bonde.

NARRADOR: Por que a Sr^a Sommers não aparenta um pouco triste agora? Talvez, um desejo pungente, uma ânsia poderosa de que o bonde nunca pare em lugar nenhum, mas siga adiante com ela para sempre. Talvez seja isso que lhe passa pela cabeça.